

## Vamos dar um rolê: *skate* como prática libertadora

Let's ride: skateboard as a liberating practice

Dirlene Almeida Ferreira<sup>1</sup>, Maria Eleni Henrique da Silva<sup>2</sup>, Esterlandia Souza Castro<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este estudo pretendeu analisar a lógica externa do *skate* tendo como foco os aspectos sociais que permeiam essa prática corporal de aventura. Realizamos uma pesquisa descritiva qualitativa. O campo de investigação foi uma escola pública da rede estadual do Ceará. Do total de 501 estudantes, 50 profissionais, funcionários e gestores colaboraram respondendo o questionário *on-line* 163 pessoas, sendo: 149 estudantes, 12 professores(as), 1 funcionário(a) e 1 gestor(a). Os participantes assim se identificaram: 81 homens cis, 68 mulheres cis, 1 mulher trans, 2 homens trans, 4 pessoas não binárias, 2 pessoas se identificam no gênero fluido e 5 outro. Os resultados indicam maior incidência de homens cis e mulher cis que experimentaram andar de *skate*. Há um elevado número de não praticantes. A vivência desse esporte está mais relacionada ao âmbito masculino. Não ter um *skate*, falta de estrutura adequada e o medo de se machucar são aspectos que mais impedem a experimentação do esporte. Enfatizamos também a não permissão por pai e/ou mãe e familiares e o preconceito da família. A falta de infraestrutura, insegurança e ausência de *Skate Park* próximo de casa são fatores no município que interferem na prática da modalidade. Amigo/amiga e outros são os que mais inspiram a vivência desse esporte, por outro lado, pai e mãe foram os que exerceram menor influência. Foram implementadas na escola oficinas de *skate* como forma de incentivo à vivência dessa modalidade. Foi entregue um documento à vereadora municipal solicitando políticas públicas que oportunizem o acesso à prática de *skate*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte; Práticas corporais de aventura; Preconceito.

**ABSTRACT:** This study intended to analyze the external logic of skateboarding, focusing on the social aspects that permeate this body adventure practice. We conducted qualitative descriptive research. The research field was a public school in the state network of Ceará. Of the total of 501 students, 50 professionals, employees and managers, 163 people collaborated by answering the online questionnaire, being: 149 students, 12 teachers, 1 employee and 1 manager. The participants identified themselves as follows: 81 cis men, 68 cis women, 1 trans woman, 2 trans men, 4 non-binary people, 2 people identifying in the fluid gender and 5 other. The results indicate a higher incidence of cis men and cis women who have tried skateboarding. There are a large number of non-practitioners. The experience of this sport is more related to the male scope. Not having a skateboard, lack of adequate structure and the fear of getting hurt are aspects that most hinder the sport from trying it out. We also emphasize the non-permission by father and/or mother and family members and family prejudice. The lack of infrastructure, insecurity and the absence of a Skate

<sup>1</sup> Mestra em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.. Professora efetiva do Governo do Estado do Ceará e professora efetiva da Prefeitura Municipal de Maracanaú (CE). E-mail: dirlenealmeida@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunta e Diretora do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira e professora do Programa de Mestrado Profissional na Rede de Educação Física, do polo Fortaleza, IEFES. E-mail: melenih@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professora de educação física da Prefeitura Municipal de Fortaleza. E-mail: esterlandiasouza123@gmail.com

Park close to home are factors in the municipality that interfere with the practice of the sport. Friend/friend and others are the ones who most inspire the experience of this sport, on the other hand, father and mother were the ones who exerted less influence. Skateboarding workshops were implemented at the school as a way of encouraging the experience of this modality. A document was handed over to the municipal councilwoman requesting public policies that provide access to skateboarding.

**KEYWORDS:** Sport; Adventure body practices; Prejudice.

## INTRODUÇÃO

O ano de 2021 foi marcado por um grande acontecimento esportivo que foi acompanhado por muitos espectadores, os Jogos Olímpicos de 2021, sediados no Japão. Vale ressaltar que nesse ano o Brasil adotou medidas de restrições à vida pública. A população estava impedida de sair de casa por conta da pandemia Covid-19<sup>4</sup>.

Embora as condições sanitárias não fossem favoráveis, o confinamento residencial contribuiu para que os (as) estudantes pudessem assistir às competições olímpicas ao vivo, tendo em vista que as aulas estavam acontecendo de forma remota.

Além das modalidades já conhecidas, as Olimpíadas de Tóquio trouxeram cinco novos esportes: surfe, karatê, escalada esportiva, beisebol/softball e *skate*. Esses esportes tiveram como missão a renovação dos esportes olímpicos e impulsionar mais audiência para as competições. Para esse estudo optamos por discorrer sobre o *skate*.

A estreia olímpica do *skate* foi um marco. Consolidou a modalidade ao redor do mundo, a prática desportiva participará do programa esportivo dos Jogos Olímpicos de forma fixa, como também conquistou duas medalhas de prata para o Brasil na categoria *street*. O atleta Kelvin Hoefler e a atleta Rayssa Leal foram as estrelas da competição. No entanto, quem ganhou notoriedade nas manchetes nacionais e internacionais na imprensa escrita, falada e televisionada foi a representante do sexo feminino.

Rayssa Leal, skatista brasileira de 13 anos, foi a protagonista dessa proeza entrando para a história dos jogos olímpicos. Primeiramente, por subir ao pódio representando o país no *skate* na modalidade *street*, conquistando o segundo lugar. Como também, por ser a atleta brasileira mais jovem a receber uma medalha olímpica.

Nem tudo foi tão fácil como fez parecer as manchetes nos jornais e mídias sociais. Por trás dessa vitória inúmeros fatos não aparecem nos holofotes. Os obstáculos no percurso deixaram

<sup>4</sup> A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia em curso da doença por coronavírus 2019 (COVID-19), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia\\_de\\_COVID-19](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19). Acesso em: 28 mar. 2023.

muitos (as) atletas à beira do caminho. Assim, faz-se necessário refletir sobre outros aspectos que envolvem o cenário da prática desse esporte, a saber: a história do *skate* no Brasil passou por diversos períodos conturbados e de julgamentos. Esse esporte era marginalizado e por um período sua vivência foi proibida no Brasil.

O fato de uma mulher nordestina, do interior do Maranhão, estar em um lugar de destaque nesse esporte, chamou atenção, pois durante muito tempo a vivência de determinadas modalidades não era recomendada para as mulheres, tendo seu acesso vetado. Nesse sentido, buscamos dialogar com o contexto cultural e os saberes constituídos na prática social com o conhecimento científico no intuito de compreender a problemática e buscar a superação de situações de desigualdade para a construção de uma prática social mais justa.

A fim de aproveitar a visibilidade com a obtenção da medalha da Rayssa Leal no *skate* nas olimpíadas de 2021, buscamos problematizar os aspectos sociais que envolvem esse esporte tendo como propósito contribuir para a desconstrução de preconceitos vinculados à sua vivência. Partimos das seguintes questões: Como a Educação Física pode contribuir para a ruptura de estereótipos atribuídos historicamente sobre a prática do *skate*? Como se dá a vivência desse esporte pelos (as) estudantes da escola? Que fatores podem impedir sua prática? Em que medida a problematização do *skate* pode contribuir para a formação dos estudantes? De que forma pode ser incentivada sua prática?

Com a finalidade de responder aos questionamentos optamos por investigar os estereótipos atribuídos historicamente sobre a vivência do *skate*. Tivemos como objetivo, analisar a lógica externa<sup>5</sup> do esporte, tendo como foco os aspectos sociais que permeiam essa prática corporal de aventura, buscando ainda investigar os limites e possibilidades da sua prática pela comunidade escolar, investigando as manifestações padronizadas hegemonicamente na sociedade que envolvem a vivência do *skate*, com vistas a compreendê-lo como uma manifestação da cultura corporal e que pode contribuir para a formação crítica dos estudantes.

Para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa descritiva qualitativa/quantitativa. O campo de investigação escolhido foi a uma escola pública de educação profissional da rede estadual do Ceará. A população da pesquisa abrangeu toda a comunidade escolar. Como sujeitos desse estudo participaram, estudantes regularmente matriculados nas turmas de 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio, com faixa etária entre 14 a 18 anos; professores lotados na escola, funcionários e núcleo gestor abrangendo a faixa etária entre 19 a mais de 55 anos. A pesquisa contou com 163 colaboradores e foi realizada no período de março a dezembro de 2022.

<sup>5</sup> A lógica externa se dá pelos elementos exteriores à prática da modalidade em si, e que possuem relação direta com a história e os significados sociais e culturais atribuídos a cada uma delas (a história do skate e suas relações com a cultura, o preconceito em relação às mulheres que praticam o esporte) (GONZALEZ; BRACHT, 2012).

Utilizamos o questionário *on-line* para a coleta de dados que foi disponibilizado por meio de um link nos grupos de *WhatsApp* das turmas, dos professores e funcionários. O questionário contava com 10 perguntas e sua aplicação foi feita na escola. A fim de atingir o objetivo do estudo, a presente pesquisa foi desenvolvida em 4 etapas distintas: 1) Aprofundamento da temática. 2) Elaboração e aplicação do questionário. 3) Análise dos dados. 4) Propostas de intervenção. Vale destacar que a etapa 1 foi desenvolvida com os (as) estudantes e as etapas 2 e 4 foram aplicadas a toda a comunidade escolar.

Na primeira etapa foi realizada uma roda de conversa com os (as) discentes sobre o *skate* a partir das seguintes perguntas: a) O que você espera estudar sobre o tema? b) Qual o seu envolvimento com a temática? Nesta fase procurou-se compreender o que já sabiam sobre o *skate* e se já eram praticantes e qual seu interesse sobre o tema.

Depois, foram realizados momentos de pesquisa, leitura de artigos, capítulos de livros, estudos e discussão sobre a temática. Foram selecionados artigos, capítulos de livro e *e-book* sobre o tema para subsidiar as discussões. O objetivo foi propiciar diversos olhares acerca da problemática com foco nas principais problemáticas enfrentadas pelos praticantes do *skate*. A proposta era aprofundar e problematizar o assunto que se pretendia investigar. Após cada leitura ocorreram momentos de ampla discussão, reflexão e a entrega de uma síntese de cada leitura realizada.

No sentido de contribuir ainda mais para o debate indicamos para assistir em casa o filme “Uma skatista radical”<sup>6</sup>. O vídeo foi disponibilizado em um *Drive* para que todos pudessem ter acesso. No momento seguinte, os discentes relataram suas principais impressões e foi feito um debate. O filme aborda o fato de adolescentes praticarem *skate* na Índia, a dificuldade para alcançarem os sonhos devido à falta de privilégios, a questões territoriais, de gênero, dentre outras. O intuito foi trazer o olhar para questões sociais que envolvem a prática do *skate* de forma a se envolverem com o contexto. O enredo, as cenas e a música mobilizam outras habilidades favorecendo assim outras aprendizagens.

Como forma de ampliar o aprendizado, foi realizada também uma experiência da realidade virtual de *skate*. Um dos estudantes trouxe para a escola os óculos virtuais e cada um foi experimentando. Por meio da realidade virtual, são induzidos efeitos visuais e sonoros, permitindo que a pessoa fique imersa em um ambiente simulado, possibilitando que os alunos e alunas interajam com cenários tridimensionais e complementam a vivência de andar de *skate*. A vantagem

<sup>6</sup> “Uma Skatista Radical”, produção que une Índia e Estados Unidos, estreou na plataforma de *streaming* Netflix em junho de 2021. Dirigido por Manjari Makijany. Gênero: Drama / Aventura. Uma adolescente no interior da Índia descobre a paixão pelo skate e enfrenta muitos obstáculos em busca do sonho de participar de uma competição.

é aprender a partir de cenários realistas, emergindo em novas culturas, sem estar com os equipamentos e sem sair da escola.

Na segunda etapa, definimos as perguntas após ampla discussão em grupo. Utilizamos o *Google Forms* para a elaboração do questionário. A comunidade escolar foi convidada a participar da pesquisa tendo garantido o anonimato e a liberdade de retirar-se da pesquisa sem prejuízo próprio. A escolha por incluir toda a comunidade escolar deu-se por considerar que o universo do *skate* se estende para além de uma divisão entre faixas etárias específicas.

A terceira etapa foi a análise dos dados do questionário aplicado que foi apresentado por meio de descrições quantitativas e qualitativas acerca da lógica externa do *skate* tendo como foco os aspectos sociais que permeiam essa prática corporal de aventura. Para esta etapa, utilizamos a análise temática como método principal para a discussão dos resultados dos questionários (MINAYO, 2002). Os dados da pesquisa subsidiaram o planejamento de intervenções que colaborassem para o engajamento, a participação e o acesso às práticas de *skate*.

Com a pesquisa, foi possível compreender os fatores que dificultam e impossibilitam a vivência do *skate*. Esses achados são de suma importância, pois apontam os caminhos que precisam ser adotados para que possamos ampliar a prática desse esporte na comunidade.

## **SKATE, DE PRÁTICA MARGINAL À PRÁTICA LEGAL**

O *skate* tem sido amplamente evidenciado nas mídias sociais, na imprensa lida e falada desde os Jogos Olímpicos de Tóquio, realizado em 2021. Particularmente aqui no Brasil essa modalidade ganhou muitos adeptos com a conquista da medalha de prata pela skatista Rayssa Leal.

Desde então, observa-se a grande visibilidade que o esporte obteve, mas nem sempre foi assim, pois desde seu surgimento, em meados dos anos 60 até um pouco antes da sua inclusão nas olimpíadas, a prática da modalidade não era bem-vista na sociedade, sendo marginalizada, estigmatizada e até proibida.

A história do *skate* é apresentada a partir de algumas versões, porém a mais conhecida é aquela que concede sua autoria aos surfistas da Califórnia em meados dos anos 60, que por conta das temporadas sem ondas no mar, resolveram fixar rodinhas em suas pranchas e criaram o surfe de calçada, dando origem ao que hoje conhecemos como *skate*.

A participação dos surfistas na criação dessa modalidade imprimiu, além da lógica interna (manobras e movimentos), um conjunto de elementos culturais que consolidaram a sua estrutura externa (aspectos sociais e culturais). Um deles foi o estilo de vida dos surfistas californianos ligados ao movimento de contracultura vivido por esses jovens nos anos 60 e 70, em oposição aos

modelos utilitaristas e conservadores da época, como retratou Rocha (2017) em seu estudo sobre o surfe como prática de liberdade:

As roupas coloridas, floridas, leves, deixando os corpos à vontade, desnudos, os cabelos longos, a música e o dialeto traziam um estilo que ultrapassava o corpo físico, marcando a formação de um corpo social, símbolo de uma série de mudanças nas condições materiais de vida, trazendo novas esperanças e novos sonhos de liberdade, concebendo também novas formas de ações políticas e culturais. Nesse sentido, o surfe faz parte de uma contracultura corporal que conjectura diversas experiências de subjetivação, bem como narrativas múltiplas (ROCHA, 2017, p. 27).

Nesse sentido, o *skate* foi influenciado por esse universo contracultural do surfe, reproduzindo assim diversas dessas características, mas estabelecendo também seu próprio estilo. Tornando-se bem mais radical na lógica externa do que o próprio surfe, pois além da liberdade, os cabelos longos, os skatistas aderiram às roupas largas, às blusas pretas das bandas de rock e punk, marcando seu estilo musical somado ao *rap*, ao *hip hop*, a pichação e o grafite, configurando uma prática corporal que se estabelece na liberdade das ruas e dos guetos urbanos, como apontou GAMONAL *et al* (2020):

É por isso que, conforme debatemos, a rua poderia ser apontada como o lugar por excelência dos skatistas. Os atos praticados caracterizam os membros do grupo ou, em diferentes termos, definem os contornos da subcultura em questão (GAMONAL *et al*, 2020, p. 98).

Essa identidade cultural do *skate* determinou sua marginalização perante a sociedade. Reproduzindo estereótipos e preconceitos, estigmatizando sua vivência e todo seu universo como um movimento de desvios físicos e sociais, sendo vista como um lazer desviante. "A afeição ao risco reforçava a visão da sociedade com relação aos skatistas, como rebeldes que contestavam os padrões da época" (AZEVEDO; PEREIRA, p. 27).

Aqui no Brasil, por exemplo, a vivência desse esporte foi considerada crime, quando no ano de 1988, o prefeito de São Paulo, que na época era Jânio Quadro, proibiu a circulação dos skatistas na cidade (HARD CORE, 2022).

Desse modo, o *skate* foi se firmando na sociedade como uma modalidade rebelde e radical. Entretanto, paralelo a esse movimento observamos também ao longo dos anos sua ressignificação, acompanhando o próprio processo de esportivização das práticas corporais de aventura que foram conquistando popularidade, sendo inseridas inclusive na mídia e até no cenário econômico com ramos mercadológicos específicos.

Nessa dinâmica, surgiram federações e confederações de *skate* organizando campeonatos mundiais importantes, ocasionando maior visibilidade, aceitação e superação de estereótipos e preconceitos sobre esse esporte e seu universo. Um marco da expansão dessa modalidade na

sociedade foi sua recente inclusão nos Jogos Olímpicos, conquistando respeito, mais adeptos e admiradores "por onde passa", assim, de "prática marginal" o *skate* tem se tornado uma "prática legal".

## **O SKATE NA ESCOLA**

Apesar do *skate* estar vivenciando esse apogeu, ele ainda é marcado por "olhares atravessados e desconfiados". Por isso precisamos problematizar sobre esse esporte em diversos espaços. Um lugar bastante indicado para ser fazer esse processo de reflexão é na escola, de forma mais específica nas aulas de Educação Física, pois esse componente curricular escolar tem como objetivo tematizar as práticas corporais, estando o *skate* presente na unidade temática - Práticas Corporais de Aventura, caracterizado como uma modalidade de aventura urbana (BRASIL, 2018).

Além de ensinar a lógica interna<sup>7</sup> do esporte, o seu processo de ensino e aprendizagem, deve incluir também a compreensão da sua dinâmica externa, problematizando suas questões sociais, colocando em pauta uma reflexão sobre os preconceitos existentes no universo da modalidade, estabelecendo uma discussão sobre esses estereótipos que ainda impetram o *skate* socialmente, buscando a superação dessas visões preconceituosas.

Com vistas a aproximar saberes elaborados com o contexto dos aprendentes, entendemos ser importante propiciar uma visão plural da Educação Física levando para a escola problemáticas a serem debatidas considerando a realidade sociocultural dos estudantes.VELOZO e DAOLIO (2013, p. 3) asseguram que "a escola, como espaço de mediação de significados, não pode se furtar de um tratamento reflexivo sobre o *skate* como uma importante prática corporal constituinte da cultura corporal de movimento contemporâneo".

Tais reflexões devem considerar também o local que ocorre essas práticas que pode ser na escola, nas ruas da cidade ou em espaços públicos adequados. Abordaremos a seguir esses aspectos.

## **AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA APROPRIAÇÃO DO SKATE NOS ESPAÇOS E NAS ESCOLAS**

A vivência do *skate* pelos jovens, antes vista como desviante, passou a ser reconhecida e legitimada, e alguns dos valores associados ao esporte como símbolo de liberdade e de um espírito jovem passaram a ser extremamente valorizados.

<sup>7</sup> A lógica interna do esporte refere-se às características de desempenho exigidas pelas situações motoras. Movimentos e ações que compõe o jogo, sua dinâmica tática, suas regras, seus fundamentos básicos, suas técnicas e suas táticas (GONZALEZ; BRACHT, 2012).

Mesmo com os reconhecimentos supracitados de avanço nas pesquisas, mídias e práticas desse esporte na comunidade, a garantia de direitos básicos em nossa sociedade, não corresponde em igualdade de acesso aos serviços, seja na educação, saúde, lazer e também nas vivências esportivas.

De acordo com (MARTINS, 2014):

Na sociedade moderna, a diferença só tem sentido como diferença cidadã e nessa perspectiva só pode ser derivada da igualdade jurídica, portanto da igualdade de direitos. É necessário distinguir a igualdade jurídica da igualdade social. Esta é uma sociedade em que as pessoas são juridicamente iguais, mas de fato, economicamente desiguais, o que faz também socialmente desiguais (MARTINS, 2014, p. 162).

Para a cultura do *skate* não é diferente, faz-se necessário então revisitar as políticas públicas, que busquem amenizar as problemáticas sociais para os desiguais. Gomes, Oliveira e Bahia (2016) afirmam que as políticas públicas de lazer norteiam diversas ações, dentre elas, a questão de espaços e equipamentos específicos.

A implantação e utilização de espaços públicos apropriados para a prática de *skate* são necessários para o incentivo e crescimento da modalidade e para formação do cidadão (MENEZES *et al*, 2019). Portanto, é imprescindível considerar espaços públicos para que os sujeitos possam desenvolver seus direitos sociais, com as convicções de serem cidadãos no mundo democrático, com vínculos coletivos essenciais à vida e comprometimento para consigo, para com o outro e com o bem público.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Com o objetivo de investigar o público pesquisado, buscamos primeiramente saber se já haviam realizado alguma experiência com o *skate*. Dos 163 colaboradores que responderam ao questionário, assinalaram SIM, 64,4% e NÃO, 35,6%. Sendo assim categorizados: 149 estudantes, 12 professores (as), 1 funcionário (a) e 1 gestor (a).

Os dados referentes ao quantitativo por gênero que já vivenciou este esporte (Tabela 1) indicam maior incidência de homens cis e mulher cis, no entanto observamos um expressivo número que já experimentou entre os demais gêneros. É a expressão da pluralidade contemplando outras formas de ser nos novos arranjos sociais (LOURO, 2002).



Tabela 1 – Quantitativo por gênero que andou de *skate*

<b>Gênero</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
Homem cis	56	25
Mulher cis	39	29
Homem trans	01	-
Mulher trans	02	-
Não binário	02	02
Fluido	01	01
Outros	04	01

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Apesar dessa pesquisa apontar um número considerável de mulheres que já andaram de *skate*, a diferença por gênero ainda se mostra expressiva nessa modalidade. Embora percebermos ações de inclusão, aceitação e apoio às mulheres à prática da modalidade, esse lugar ainda é dominado pelos homens.

Antunes (2020) ao pesquisar sobre as mulheres skatistas na cena carioca identificou que embora o número de mulheres nesse esporte esteja crescendo consideravelmente nos últimos tempos, ainda é evidente o esforço contínuo de algumas skatistas para conseguir estar nesse cenário demarcado por uma persistente hegemonia masculina.

A fim de compreender a sensação vivenciada com essa modalidade esportiva, indagamos sobre os aspectos relevantes à vivência do esporte (Tabela 2). Características relacionadas à sensação e emoção foi o mais citado (70) sendo adrenalina (49) e liberdade (21) os mais recorrentes. Outros foram indicados, como: referentes à aprendizagem da modalidade (36), medo de cair ou que já levou uma queda (17), experiência divertida ou alegre (08), 30 pessoas nunca praticaram e 10 não responderam.

Tabela 2 – Aspectos relevantes de andar de *skate*

Adrenalina	49
Aprendizagem	36
Liberdade	21
Queda / Medo de cair	17
Diversão / Alegria	08
Não sei / Não/ Nunca praticou	30
Não responderam	10

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

O *skate* é uma prática corporal de aventura, composta por especificidades dessa categoria, delimitada pelo risco e a imprevisibilidade. O risco é uma dimensão subjetiva vivido pelo sentimento da incerteza, nesse sentido, as modalidades de aventura podem ser compreendidas como um jogo de imprevisibilidade, e por isso bastante desafiador. Lavoura e Machado (2006) destacam

os sentimentos resultantes da vertigem e do risco desencadeados pelas diferentes situações e experimentações do corpo nas modalidades de aventura produzem emoções “à flor da pele”.

O fortalecimento dessa modalidade, atualmente, está relacionado à possibilidade de viver esses sentimentos e emoções, sendo um dos fatores motivadores por parte dos praticantes de esportes de aventura, bem como daqueles que apresentam interesse em vivenciar ou até mesmo só querem acompanhar. Essa configuração também incorpora à dinâmica dessas práticas uma concepção mais ligada à ideia de lazer intenso e envolvente.

Desse modo, podemos afirmar que a vivência desse esporte está mais relacionada a sensações prazerosas de curtição e diversão. Os resultados estão em concordância com o estudo de Dias (2011) que aborda o *skate* como manifestação social e movimento cultural.

Esse esporte traz em sua prática todas essas sensações, somadas a uma liberdade acentuada pela "ousadia", presente também na essência de sua lógica externa. Brandão (2010) descreveu que o desenvolvimento do *skate* no início do século XXI é marcado pelos desejos de liberdade e lazer de uma sociedade cada vez mais hedonista, ou seja, que defende a busca pelo prazer como finalidade humana. Dessa forma, a modalidade passou a ser socialmente representada.

No que se refere ao tempo de prática de *skate* (Tabela 3) 83,4% (136) assinalaram não ser praticantes. O elevado número de não praticantes apontou a oportunidade para implementação de oficinas desse esporte na escola. O horário de intervalo de almoço das segundas-feiras foi usado para o incentivo a vivenciar a modalidade. Os integrantes da pesquisa se organizaram para divulgar e mobilizar estudantes para experimentá-lo.

Tabela 3 – Tempo de prática de *skate* por gênero

Tempo de prática	Home m cis	Mulher cis	Homem trans	Mulher trans	Não binário	Fluido	Outro
0 a 2 anos	15	01	01	-	-	-	02
3 a 5 anos	02	-	-	-	-	-	-
6 a 10 anos	02	-	-	-	-	-	-
Mais de 10 anos	03	01	-	-	-	-	-
Não sou praticante	60	66	01	01	04	02	02

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Os dados referentes ao tempo de prática de *skate* por gênero confirmam a vivência a mais tempo por homens neste esporte. Corroboram com este resultado o estudo de Goellner *et al* (2010) que constata a diferença de oportunidades entre homens e mulheres para se dedicarem ao lazer. Esse marcador identitário interfere na adesão e permanência de homens e mulheres de forma distinta e desigual e merece mais investigações a esse respeito. A vivência desse esporte é culturalmente relacionada ao âmbito masculino (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013).

Com o propósito de analisar fatores que impedem a prática de *skate* (Tabela 4) apontamos como preponderante o fato de não ter acesso ao equipamento e a falta de infraestrutura mínima adequada. Foram mencionados também o medo de se machucar, problemas com saúde, falta de tempo ou recursos. Enfatizamos aqui a não permissão por pai e/ou mãe e familiares e o preconceito da família que permeia a vivência da modalidade.

De acordo com França (2016), as práticas corporais de aventura apresentam como uma de suas características a utilização de novas tecnologias, sendo necessários equipamentos específicos para a realização de determinadas modalidades, são materiais de vivência e de segurança de custo elevado, sendo este um fator que pode dificultar a realização de tais experiências, deixando essas atividades pouco viáveis para a maioria da população.

Tabela 4 – Aspectos impedem a prática de *skate*

Não ter um <i>skate</i>	20
Falta de uma infraestrutura adequada	16
Medo de se machucar	08
Problema de saúde	04
Falta de tempo / recurso	03
Pai e/ou Mãe/ Familiares	03
Preconceito familiar /preconceito por ser mulher	03
Falta de incentivo	01
Não ter quem ensine	01
Não sei / Não / Nunca praticou	72
Não responderam	08

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

O *skate*, por exemplo, necessita de materiais específicos para a sua realização, podendo dificultar a sua vivência. Destacamos ainda que este equipamento não é um artigo esportivo fácil de ser encontrado, além de não ter um valor tão acessível se comparado a uma bola de vôlei. Comprar um *skate* demanda tempo e conhecimentos específicos para que não se adquira um material de baixa qualidade que pode dificultar o desenvolvimento na modalidade e/ou aumentar o risco de acidentes.

As dificuldades financeiras que perpassam por outras escolhas de investimento do recurso da família colocam em segundo plano adquirir esse implemento e seus equipamentos de segurança. São questões que precisam de aprofundamento e discussão. Esses detalhes somados a outros acabam por afastar as pessoas de terem experiências nesse esporte.

O *skate* como uma prática corporal de aventura (PCA) pode ser considerada uma vivência perigosa. Essa ideia gera receios e medos que acabam afastando as pessoas pelos riscos inerentes à sua realização. França (2016) indica que esse é um dos fatores para que as PCA's sejam vistas como inadequadas para a escola. Na concepção da equipe pedagógica, administrativa, pais e professores

essas práticas são inviáveis. Essa compreensão reflete uma visão distorcida dessas modalidades ao serem reproduzidas na mídia, que na busca por audiência acabam por utilizar das cenas mais impactantes, explorando as manobras mais radicais - mais complexas e perigosas.

Pouco é falado sobre o gerenciamento dos riscos possíveis de serem implementados nessas modalidades e da possibilidade que temos de vivenciá-las de formas menos complexas e com segurança. França (2016) compreende que o risco faz parte dessas práticas, mas não significam falta de proteção e cuidado. As PCA podem ser vivenciadas de forma adaptada, não precisam ser um reproduzidas de forma literal. No *skate* o uso de equipamento de proteção, como capacete e joelheiras podem ser uma das medidas tomadas para evitar danos aos seus praticantes.

Para quem está iniciando no esporte é recomendado procurar vivenciar os primeiros passos em um solo que não seja muito liso e de preferência sem buracos, pode ser usado um tapete antiderrapante. Medidas de segurança podem ser adotadas e na realização das manobras a prática do *skate* implica em mudar o modo de se relacionar com seus medos. O praticante precisa acreditar na sua capacidade de realizar e de executar as manobras, significa passar a confiar em si (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013).

A falta de uma infraestrutura adequada também foi mencionada nas respostas como uma condição que dificulta sua vivência (Tabela 5). Os obstáculos são enumerados desde a falta de pavimentação, buracos nas vias, falta de segurança e de iluminação e acima de tudo ausência de *Skate Park* mais próximo de casa, sendo esse o mais citado.

Tabela 5 – Fatores no município que interferem na prática de *skate*

Falta de <i>Skate Park</i> (acesso / manutenção)	41
Falta de investimento / ruas não pavimentadas / buracos	17
Falta de segurança / Falta de iluminação	03
Ausência de campeonatos de <i>skate</i>	03
Falta de um professor para ensinar / escola	02
Divulgação	01

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Na história desse esporte, a rua foi um espaço importante para o desenvolvimento da prática, entretanto, com o aumento do tráfego ficou cada vez mais arriscado andar de *skate* pelas vias. Nessa lógica, com a popularização desse esporte e sua expansão, a modalidade consolidou o seu lugar físico específico com a construção das pistas de *skate*.

Chamadas também de *Skate Parks*, estes espaços com rampas e obstáculos são feitos para executar as manobras para se vivenciar a modalidade essenciais para a prática de *skate*. É notória a existência de uma demanda com relação à construção desses espaços para os praticantes, configurando um lugar de lazer das juventudes, é um ambiente recreativo pensado especialmente

para a execução desse esporte. Esses espaços precisam ser construídos com qualidade, passando por manutenções frequentes, garantindo uma boa iluminação e também segurança.

A falta de incentivo e de alguém que ensine também esteve presente nas respostas dos participantes. Essas visões errôneas se fundamentam nos estereótipos e preconceitos existentes sobre o *skate* como um esporte marginalizado, subversivo, esses entendimentos são equivocados e limitados. Esse esporte não é uma modalidade que as famílias incentivem seus filhos, e menos ainda as filhas, pois além dessa imagem esta modalidade ainda é vista como uma prática exclusivamente masculina.

A luta feminina pela igualdade de direito e oportunidades sociais já é de longa data. Merece destaque aqui por ser no seio da família que deveria apoiar e incentivar a realização de sonhos. Associa-se ao feminino atributos como fraqueza e estética que são aceitos socialmente.

Desse modo, mulheres não podem se machucar, marcar a pele, ter cicatrizes pois deixam de ser belas e femininas. Tal fato desconsidera o potencial feminino a ser assumido em outro papel (SCHWARTZ *et al.*, 2013). Muitas barreiras precisam ser enfrentadas para a superação das desigualdades de gênero na sociedade.

Propiciar cuidados básicos, como segurança, iluminação e manutenção de equipamentos, são essenciais para espaços esportivos, ressaltam Silva *et al.* (2016). Os autores asseveram a importância da manutenção para que sejam frequentados e utilizados pela população. Reafirmamos que a construção e a manutenção de espaços públicos de esporte e de lazer estão previstas nas políticas públicas de esporte e lazer, devendo atender às necessidades da comunidade.

Dentre os praticantes de *skate* observamos que a família exerce menor influência do que outras pessoas (Tabela 6). Amigo/amiga, outros, primo e irmão foram os mais assinalados, seguido ainda de pai, namorado/namorada e mãe.

Tabela 6 – Influência para a prática de *skate*

Não pratica	94
Amigo / Amiga	31
Outro	24
Primo	13
Irmão	11
Ídolo	5
Pai	4
Namorado / Namorada	2
Mãe	1

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

O incentivo à prática do *skate* por familiares está diretamente relacionado ao maior ou menor envolvimento de pais e/ou responsáveis com essa modalidade. Se são apreciadores existe

maior chance de incentivar e acompanhar sua vivência, se não praticam tendem a proibir e/ou impedir o envolvimento com o esporte. Esse tensionamento ocorre por diversos fatores, tais como: risco de se machucar com as quedas, preconceito, falta de locais adequados, falta de segurança e de iluminação no bairro, dentre outros.

As questões apresentadas no decorrer do estudo evidenciam que analisar a lógica externa envolve uma relação entre sujeito e objeto no seu contexto, levando em conta os aspectos culturais. Nesse caso, as relações entre o skate, sua prática, a cultura, a comunidade, as instituições e os poderes constituídos. Assim, consideramos que os dados anunciados e as reflexões ajudam a desenvolver junto aos discentes uma postura crítica quanto à prática do *skate*. Consideramos que o conhecimento deve ganhar repercussão para além dos muros da escola e venha se robustecer na sua vida pessoal e em comunidade. O que pode implicar em cidadãos com atitudes de protagonismo acerca de assuntos relevantes como o que foi aqui abordado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo analisar a lógica externa do *skate* tendo como foco os aspectos sociais que permeiam essa prática corporal de aventura. Os resultados da pesquisa indicam maior incidência de homens cis e mulher cis que já experimentaram esse esporte, no entanto, observamos um expressivo número entre os demais gêneros. A experiência de andar de *skate* está mais relacionada a sensações prazerosas de curtição e diversão. Há um elevado número de não praticantes. Constatamos que a vivência desse esporte está mais relacionada ao âmbito masculino.

Fatores financeiros dificultam a aquisição de equipamentos específicos e restringe a oportunidade de participação e acesso ao esporte. Destacamos o preconceito familiar como um impeditivo para sua prática o que pode contribuir para que outras mulheres não venham praticá-lo.

Na cidade<sup>8</sup> pesquisada há uma grande lacuna de espaços e equipamentos destinados à vivência do *skate*. Ressaltamos ainda o elevado número de não praticantes, fato que sinaliza a oportunidade de investimento do poder público na oferta de equipamentos destinados a este esporte.

Diante de tais resultados, apontamos a necessidade de ampliar a iniciativa de planejamento de espaços para a prática do *skate* na cidade pesquisada, como também, a construção de Pistas Públicas de *skate* (*Skate Parks*) por parte da Prefeitura.

<sup>8</sup> A cidade pesquisada é um município brasileiro do estado do Ceará, Região Nordeste do país. Localizado na Região Metropolitana de Fortaleza, a 24 quilômetros da capital, possui 79 km<sup>2</sup> de área territorial e uma população estimada em 52,667 habitantes, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio\\_\(Cear%C3%A1\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio_(Cear%C3%A1)). Acesso em: 28 mar. 2023.

Para tanto, a partir desses estudos, foi entregue um projeto para uma vereadora local tendo como objetivo a construção de *Skate Parks*. A proposta é que inicialmente cada polo seja contemplado com uma pista de *skate* e gradativamente seja ampliado.

É mister que os *Skates Parks* atendam às especificações de medidas e ângulos propícios para uma pista de *skate*. É importante que se localizem próximos as avenidas centrais do bairro facilitando assim o acesso dos praticantes. Fato esse que diminuiria a periculosidade sobretudo no horário noturno. É o momento de romper com o pensamento de que este esporte somente deve ocupar áreas subutilizadas ou desabitadas, muitas vezes localizadas em regiões decadentes ou nas periferias.

Vale considerar que skatistas têm apresentado grandes anseios e se mobilizam para realizar a prática desse esporte no município mesmo diante da pouca infraestrutura oferecida. A cultura desse esporte resiste nos entremeios da cidade.

Evidenciamos ainda a urgência em revitalizar ambientes para que haja apropriação desses espaços pela população da cidade, a necessidade em melhorar a pavimentação, segurança e iluminação, sobretudo no entorno de praças e locais de prática esportiva.

Com o tempo poderão ser criadas associações e federação de *skate*, além da cidade poder promover campeonatos amadores, sediar competições nacionais e internacionais. A descoberta de talentos locais pode impulsionar para disputas em outras cidades, estados e em diversos países, com apoio da prefeitura e parcerias empresariais.

Por meio dessa pesquisa foi constatado que a maioria dos jovens investigados manifestaram interesses com relação a prática desse esporte, independente do gênero, porém esse envolvimento é mais expressivo por parte do gênero masculino, mostrando que apesar dos movimentos de inclusão das mulheres no *skate*, ainda é um espaço de domínio dos homens.

Com a pesquisa foi possível compreender os fatores que dificultam e impossibilitam a vivência do *skate*. Esses achados são de suma importância, pois apontam os caminhos que precisam ser adotados para que possamos ampliar a prática desse esporte na comunidade, essas medidas são: a) problematizar o *skate* enquanto uma prática corporal benéfica para o desenvolvimento dos jovens, superando os estereótipos e preconceitos; b) fortalecer os movimentos de inclusão das mulheres nesse esporte; c) solicitar junto ao poder público a construção e a manutenção de pistas de *skate* com qualidade, boa iluminação e segurança; d) desenvolver projetos para o ensino desse esporte com gerenciamento de risco.

Sugerimos também que sejam realizados estudos com a participação da população, já que são as pessoas da comunidade os principais protagonistas que usufruem dos espaços e dos equipamentos de lazer na cidade. Recomendamos a ampliação de projetos sociais voltados para a prática do *skate* sensíveis à equidade de gênero e à diversidade. Para finalizar, evidenciamos a

urgência de estratégias que colaborem com a perspectiva de reflexão sobre novos encaminhamentos acerca do papel feminino no esporte e na sociedade.

São necessárias mais pesquisas para que possam ampliar as reflexões sobre a vivência do *skate* a fim de minimizar aspectos discriminatórios, a superação de situações de desigualdades, oportunizando discussões como forma de buscar construir uma prática social mais justa quanto às diferenças de gênero, de participação nas decisões da sociedade e de políticas públicas para o *skate*.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. As mina no rolê: a presença das meninas na cena do skate carioca. In: PEREIRA, C. (Coord.). **Skate 360°**: rolés teóricos pelas ruas da cidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020, p.41-76.

AZEVEDO, M; PEREIRA, C. Um skate, um fone, uma cidade no *flow*. In: PEREIRA, C. (Coord.). **Skate 360°**: rolés teóricos pelas ruas da cidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020, p.21-42.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRANDÃO, L. Esportes de ação notas para uma pesquisa acadêmica. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 59-73, setembro 2010.

DIAS, G. O. **Skateboard para além do esporte**: manifestação social e movimento cultural. 2011. Dissertação. Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

FIGUEIRA, M. L. M; GOELLNER, S.V. “Quando você é excluída, você faz o seu”: mulheres e skate no Brasil. **Cadernos Pagu** n.41, jul./dez. 2013, p. 239-264.

FRANÇA, D. L. **Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física**: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do Ensino Fundamental. Paraná: UFPR, 2016. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2016.

GAMONAL, L; VAISMAN, D; PEREIRA, C. Skateboarding is not a crime: o direito à cidade e o “pânico moral”. In: PEREIRA, C. (Coord.). **Skate 360°**: rolés teóricos pelas ruas da cidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020, p.89-108.

GOELLNER, S. V. *et al.* Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.2, jun. p. 1-20, 2010.

GOMES, L. C.; OLIVEIRA, A. C. G.; BAHIA, M. C. Bicycross, Patinação Radical e Skate: Análise de Políticas Públicas de Lazer Acerca de Espaços e Equipamentos em Belém do Pará. **Licere**. Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 19, n. 4, p. 258-297, 2016.

GONZÁLEZ, F. J. BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

HARD CORE. **Skate no Brasil: da criminalização ao Olimpo**. Disponível em: <https://hardcore.com.br/skate-no-brasil-da-criminalizacao-ao-olimpico/>. Acesso em: 27 set. 2022.



LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. Esportes de aventura de rendimento e estados emocionais: relações entre ansiedade, autoconfiança e autoeficácia. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 2, p. 143-148, maio/ago. 2006.

LOURO, G. L. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam e SILVESTREIN, Celsi B. (Org). **Gênero Plural: um debate interdisciplinar**. Curitiba, Editora UFPR, 2002, pp.11-22.

MARTINS, J. S. **Uma Sociologia da Vida Cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2014.

MENEZES, V. G. *et al.* Políticas Públicas de Esporte e Lazer na Cidade: Não Só de Pista de Skate, Vive o Skatista de Recife-PE. **LICERE**. Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 22, n. 3, p. 517-536, 2019.

ROCHA, L. L. **Surfando para a vida: um estudo sobre o papel do surfe como prática pedagógica libertadora**. 2017. 238f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017.

MINAYO, M. C. de S. *et al* (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80 p.

SCHWARTZ, G. M. *et al.* Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. **Motricidade**. v. 9, n. 1, p 57-68, 2013.

SILVA, E. A. P. C. *et al.* Percepção da qualidade do ambiente e vivências em espaços públicos de lazer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.l.], v. 38, n. 3, p. 251-258, 2016.

VELOZO, E.; DAOLIO, J. O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil. **Revista Iberoamericana de Educación**, nº. 62, p. 217-231, 2013.